

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mujica como um sentimento: estética e ensino da subjetividade latino americana

Flávia Beatriz Ferreira de Nazareth
Universidade Estadual do Rio de Janeiro
flaviabeatriz80@gmail.com

Introdução:

É na arte que podemos captar o afeto e buscar uma compreensão do Mujica como um sentimento.

Sua biografia, entendida como uma trajetória política (sociológica e histórica), tem um destino comum àqueles que ousaram não ser ortodoxos. Mujica foi militante do Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros (MLN-T) foi preso em 1973 e permanecendo assim até o fim da Ditadura Militar no Uruguai (1973-1985), no total foram 12 anos ininterruptos de cárcere. Em 2015 se tornou presidente do Uruguai, cargo que atuou até 2018.

Em 1973 nove integrantes do Movimento Tupamaros são presos, contudo três deles, incluindo Mujica, são soltos em segredo e se tornam reféns do Estado Uruguaio. Sendo reféns, perdem qualquer direito de interação com o mundo, passando a serem privados de alimentos, de condições de higiene e limitação do uso da linguagem.

O objeto da análise será dois recentes filmes vinculados pela Netflix.

O primeiro é um drama “Uma noite de 12 anos” (Álvaro Brechner - 2018), contudo essa obra se parece com um documentário. A construção histórica da direção, da fotografia, do roteiro e da edição é caprichosa ao contar a história da prisão em 1973 de José Mujica (Antonio de la Torre), de Mauricio Rosencof (Chino Darin) e de Eleuterio Fernández Huidobro (Alfonso Tort) militantes do MLN-T e respectiva peregrinação deles por diferentes prisões uruguaia e o seu total isolamento do mundo externo ao cárcere (tanto político quanto natural).

Já o outro é o documentário “El Pepe, uma vida suprema” (Emir Kusturica - 2018). A obra é intimista, o diretor Kusturica conversa com Mujica e o deixa fazer suas próprias reflexões sobre a sua atuação política na juventude e na idade madura.

Em um primeiro momento, a intenção é uma comparação entre a estética dos dois filmes em três camadas: a da direção da filmagem, a da direção fotográfica e do roteiro. Entendendo que estética carrega elementos importantes para o estudo da subjetividade latino americana.

Em um segundo momento, será arriscada uma análise sobre o clima intelectual promovido por cada um deles no sentido de pensar o que seria a experiência histórica do Mujica

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

representada em cada dos filmes e sua potência para observar as contradições no sentir, no pensar e no agir do intelectual inscrito no pensamento latino americano (não ortodoxo e não eurocêntrico). A questão proposta seria: Qual o recado passado por cada filme sobre o que é ser um intelectual na América Latina?

Por último, será apresentado a experiência do “Cineclub: Passador:”, realizado na disciplina de Estágio Supervisionado IV na UERJ-FFP. A proposta do "Cineclub: Passador (A Experiência da Travessia)” vai na direção de pensar sobre o audiovisual (imagens em movimento, cores, sons e silêncios) como uma manifestação artística fluida, com suas peculiaridades, e não como um elemento pedagógico imediato. Neste sentido, converso com o livro “Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes da educação básica, dentro e ‘fora’ da escola” da professora Adriana Fresquet, no qual ela registra sua experiência no Laboratório de Educação, Cinema e Audiovisual da UFRJ. Afinal, a arte é uma possibilidade para pensar o mundo em transe e de alimentar a subjetividade para promover um futuro politicamente republicano (sensível e inclusivo).

Esse artigo é inspirado em duas obras. A primeira, percebe-se logo no título é o livro “Autoritarismo afetivo: A Prússia como sentimento” do professor Gisálio Cerqueira Filho. Gisálio trabalha com a análise do autoritarismo alemão tendo por base a experiência histórica da Prússia inscrita na subjetividade cotidiana alemã. Já o outro autor é Silviano Santiago em seu livro “ As raízes e o labirinto da América Latina”. Santiago trabalha com dois autores, Sérgio Buarque de Holanda (Brasil) e Otávio Paz (México), buscando compreender nas categorias de análise de cada um dos autores a raiz e o labirinto do pensamento na América Latina. As obras dos diretores Álvaro Brechner e Emir Kusturica serão submetidas a essa lógica, pois respectivamente representam a raiz e o labirinto de elementos importantes para pensarmos sobre os intelectuais na América Latina.

Resumindo a proposta. Para buscar Mujica como sentimento, lançamos mão de dois filmes, o de ficção foi entendido como um buscador de raízes para o entendimento da América Latina, sobretudo no que toca a raiz colonizadora européia e suas consequências até o tempo presente. Já o outro filme, um documentário que nos joga no labirinto, ou seja, no *engendrar* do fazer intelectual cotidiano¹.

¹SANTIAGO, Silviano - As raízes e o labirinto da América Latina. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. p. 191. Engendrar seria para Santiago a capacidade de inventar algo original no contexto material importado

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mujica em dois atos: raiz e labirinto

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista individuais, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. (NICHOLS, Bill - 2005 p. 30)

A conceituação do que seria um documentário apresentado por Nichols e transcrita acima, fornece elementos importantes para a diferenciação dos gêneros fílmicos documentário e ficção. Vindo do campo dos estudos do cinema, aponta uma intenção do documentário de “convencer-nos a aceitar suas opiniões”. Porém, os filmes escolhidos para a nossa análise a clareza entre documentário e ficção se torna um linha bem tênue. Afinal, a crítica à produção cinematográfica nos alerta sobre a importância de uma reflexão estética da obra cinematográfica. A opção de pensarmos certo passado de uma personagem de história recente da América Latina (Mujica), por meio de duas expressões artísticas distintas, nos fornece elementos para uma reflexão comparativa de “escrita com a câmera”².

Devemos salientar que a tomamos esses dois filmes como documento, a perspectiva de “escrita com a câmera” é a nossa e não dos diretores das referidas obras, sobretudo, Brechner que se propôs a fazer uma ficção.

Uma noite de 12 anos

O filme “Uma noite de 12 anos” é uma ficção, um drama/crime, porém as opções estéticas da equipe do Diretor Álvaro Brechner (Uruguai) fez com que os personagens ficcionais fossem percebidos como reais na sua potência de expressão do pior da nossa raiz latino americana, a violência colonial. A marca da temporalidade do filme é angustiante, se assemelhando a angústia daqueles que viveram aquela situação real. A opção por não ter uma marca direta de temporalidade faz aflorar a generalização das estruturas da violência e de como tal fenômeno, por vezes, passa despercebido.

²https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA17_ID1901_2_9092020113233.pdf, 21 de junho às 16h.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A cena interessante para ser destacada é aquela sugestiva da virada da história de Mujica. A visita de sua mãe ao presídio, após muito tempo de procura de seu filho. O encontro é impactante. Passo a descrever a cena: Mujica parece confuso, apresenta sinais de perturbação mental. Reclama que tem uma antena de rádio dentro de sua cabeça que não o deixa parar de pensar. Abaixo, destacamos o diálogo:

- Cale a boca. Me ouça. É a mim que tem que ouvir. Sou sua mãe! Eles querem que enlouqueça. E se continuar assim, conseguirão me entender?
- Mãe.
- Mãe, uma merda! Escute aqui. Escute o que tenho a dizer. Você tem que resistir. Não deixe que te matem.
- Não sei como.
- Sim, você sabe. Os únicos derrotados são os que desistem. Vai sair daqui e vai seguir em frente. E ninguém ... Ninguém vai tirar o que tem dentro de você. (36 min. 40)

Toda a tomada é tensa, a virada dramática marca o momento de enfraquecimento da Ditadura Uruguaia e também a reação individual de Mujica.

Interessante notar, Alvaro Brechner lança não do recurso de planos panorâmicos, com isso nossa sensibilidade é acionada e sugestionada como se fossemos integrantes daquela ação. O sofrimento dos militantes do Tupamaros José Mujica, Mauricio Rosencof e Eleutério Fernandes Huidroso é compartilhado pelo espectador.

O fato do diretor Brechner ser Uruguaio nos ajuda a entender suas opções estéticas, que aqui, identificamos como sensíveis à questão da raiz da sociedade latino americana, muitos de nós sofremos com ditaduras em nossos países e vivenciamos a violência estrutural mesmo em momentos democráticos.

Álvaro Brechner é um cineasta uruguaio erradicado na Espanha, nascido em 1976. Em entrevista ao Cinejornal - durante o Festival de Cuba em Havana, 2018. Diz que “Uma noite de 12 anos” é uma película que conta a história real sem pretensões a um documentário e busca apresentar o que os indivíduos em suas estruturas mentais fazem para continuar se sentido humanos. Apesar de apresentar situações limites, sua arte é “*Uma película para brincar a esperança*”.³

Para Alvaro Brechner a cena de destaque de seu filme é a saída do personagem Mujica da prisão. Ao caminhar pela estrada encontra a sua mãe, que lhe aguardava. Após abraça-la

³<https://www.youtube.com/watch?v=WqMyHv0UZIQ>, 26 de maio de 2021 às 15h.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mujica olha para trás. Para Brechner, aquele era o olhar de um homem que nunca mais iria olhar para trás.

A recepção do filme também foi assunto da breve entrevista, Brechner deixa um recado sobre a apropriação pelo público da obra cinematográfica nos diferentes contextos. Ele relembrou a emoção sentida na sua estréia no Festival de Veneza. Disse que naquele momento ele se sentiu em comunhão com o público.⁴

Último destaque é para música “The sound of Silence” interpretada por Silvia Pérez Cruz, essa versão é carregada de sentimento feminino e profundo, a raiz do sofrimento cantada em inglês.

El Pepe, uma vida suprema

Já em “El Pepe, uma vida suprema”, o diretor Emir Kusturica apresenta a saída pessoal de Mujica - El Pepe - em um projeto que celebra a carreira política autônoma do então presidente do Uruguai. Com uma linguagem fílmica diurna, a vida simples e personalidade profunda são representadas neste documentário.

A película inicia com uma cena diurna de Mujica e de Kusturica no quintal da casa de Pepe, ambos em silêncio e compartilhando o chimarrão. Os primeiros segundos não há registro de áudio, porém o clima de calma se rompe em um pulsante tango uruguaio. A imagem bucólica sai de cena e entre imagens variadas de arquivo da época da prisão de Mujica. A primeira reflexão de Mujica vai na direção de pensar sobre o silêncio que lhe foi imposto em anos de prisão que o fez aprender na dor.

Assim segue a apresentação dos temas. Uma música vibrante como o Tango uruguaio dando um tom de nostalgia⁵ ou a Murga trazendo a ideia de festa popular ou até mesmo o silêncio, lembrando a referência dos tempos de isolamento total de Pepe.

As imagens das conversas muitas das vezes externas, são intercaladas com imagens de arquivo, em especial, o documentário “Estado de Sítio” de Costa Gavras. Destaca-se o momento em que El Pepe é levado no lugar onde era a sua primeira prisão e hoje é um shopping: “Penitenciária Punta Carretas”.

A montagem da cena é particularmente emocionante, a ideia de transição do passado

⁴Já no Brasil, a recepção foi mais urgente pois 2018 a política brasileira estava sombria.

⁵Segundo Mujica o tango é nostalgia de gente que aprendeu a perder na vida.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para o presente promovida pelas imagens em preto e branco sendo substituída pela colorida representa um sentido de ocupação do espaço urbano, o lugar de sofrimento/punição transmutado para um espaço (supostamente) de entretenimento. Esse local se transforma em palco para um passeio de Mujica. Durante esse passeio, El Pepe conversa sobre como era a prisão e recepciona as pessoas que queriam tirar fotos com ele.

O desenvolvimento do documentário passa por entrevistas além de Mujica. Sua companheira Lucia Topolansky assim como os companheiros de prisão também contam as suas versões da história uruguaia. Temas com a inovação da guerrilha urbana uruguaia, o amor na clandestinidade, ações de arrecadação de renda para o movimento entre outros.

Trazendo nossa atenção para o presente documentário apresenta cenas das ruas e da organização para o evento de passagem de governo em 1º de Março de 2015, assim como o Plan Juntos, que é um plano de construção de casas populares para os mais pobres. Esse projeto era um daqueles projetos pessoais de Mujica, as casas eram levantadas com o dinheiro de doações. Mujica doava 70% do seu salário como Presidente da República para essa causa, assim como outras doações.

Sobre o Plan Juntos existe um registro de fala importante. Uma mulher, mãe solteira de 10 filhos, está dentro de sua casinha em um dia de chuva e diz: “Quando chove eles [filhos] podem olhar [a chuva] pela janela”.⁶

Por último, destaca-se a cena a inauguração de outro projeto pessoal de Mujica a escola agrícola de Rincón Del Cerro. Afinal, segundo Mujica: “Cultura é a rotina dos valores que temos na vida.”⁷

Os minutos finais do documentário é um plano longo. Inicia na inauguração da escola e continuou, ao som do violão, com as imagens do caminho feito em direção ao evento de entrega da faixa presidencial. Em certo momento, Mujica explica:

Eu pertencço a uma geração que achou que o socialismo estava prestes a acontecer. A minha juventude pertence ao mundo da ilusão, como muitos outros. A história nos demonstrou que era bem mais difícil. E aprendemos isso, para ter uma humanidade melhor, a questão cultural é importante senão mais, do que a questão material. Podemos mudar o lado material, mas se a cultura não mudar, não haverá mudança. A verdadeira mudança acontece em nossas mentes. Muita gente que era socialista migrou para o capitalismo. O capitalismo os seduziu.

⁶37:52 min.

⁷47:23 min.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

E há outros, como eu e outros, que tentam limitar o possível o capitalismo. Mas o capitalismo não é a resposta. Precisamos descobrir outras coisas. Outra forma. Nós pertencemos a essa busca. Na América Latina, não há resposta, há busca. Como as pessoas percebiam isso? Isso porque, no fundo, somos animais sociáveis e, como tal, somos socialistas. Mas a história e os desenvolvimentos nela nos transformaram em capitalistas. Em individualistas. [...] E essa verdade da civilização e cooperação e solidariedade é o maior bem do mundo, como espécie, para nos ajudar a viver e superar essa contradição, acima do egoísmo, tem um preço exorbitante. (56 min.)

Encerro a essa parte trazendo a ideia de labirinto, no sentido de algo desafiador e com um final previsto possível, a sua saída. A fala de Mujica e, todo o documentário “El Pepe, uma vida suprema” vai neste mesmo sentido. Buscar por uma opção ao capitalismo é a proposta, o sentimento dessa busca é no labirinto.

A potência sonora do documentário deve ser entendida melhor. O diretor Emir Kusturica é cineasta e músico Sérvio, contudo se auto identifica com Iugoslavo. Estudou em Famu (Filmavá a Televizni Fakultu Akademie Múzických Umee v Praze) entre os anos de 1973 e de 1977. FAMU é a quinta escola de cinema mais antiga do mundo e Kusturica ainda enquanto aluno foi reconhecido pela sua inventividade com o prêmio para o seu primeiro curta “Guernica” sobre a ocupação Nazista no Leste Europeu.

O repertório musical com documentário demonstra a sua vitalidade. O tango uruguaio, que tanto Mujica aprecia, carrega as lindas imagens diurnas com a nostalgia e dramaticidade. Com isso, nos encontramos com a história de Pepe contada por ele próprio. Em contrapartida a calmaria do tanto existem as cenas das ruas, das pessoas organizando a festa de passagem da presidência para Tabaré Vázquez ao som da música uruguaia sentimos as vozes alegres e pulsantes vindas das ruas.

Além de entrevistas, Kusturica lança mão de imagens de outro filme do gênero drama histórico e suspense “Estado do Sítio” de Costa Gravas de 1972. A intenção de Costa Gravas foi contar a história do sequestro de Philip Michael Santore (funcionário de uma agência americana, envolvido do com o “ensino” de tortura no Brasil) em Montevideu pelos Tupamaros, que exigiram como troca da liberdade de Santore a soltura de presos políticos, o que causou um grande problema institucional. Kusturica manipula as imagens de “Estado de Sítio” como se fossem imagens de arquivos.

O recurso sonoro, as entrevistas, as imagens das ruas e 2015 e as “imagens de arquivo”

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

deixa o documentário dinâmico, no sentido de labirinto.

Cineclube: Passador (A Experiência da Travessia)

Nessa seção final, apresento uma intervenção pedagógica feita em 2021 durante o ensino remoto na disciplina Estágio Supervisionado IV, oferecida no curso de História da Universidade Estadual do Rio de Janeiro no campus São Gonçalo - Faculdade de Formação de Professores. O objetivo deste estágio discente é pensar e provocar dispositivos para o ensino de história fora do ambiente escolar.

Por conta da opção pelo ensino remoto, buscamos por entender o espaço virtual como uma construção antropológica⁸ e a discussão de filmes os mais variados possíveis foi o caminho traçado na proposta do Cine Clube: Passador (A experiência da Travessia). Entre muitas atividades realizadas para além de assistirmos e debatermos sobre os filmes, teve uma atividade específica com os filmes aqui analisados.

O dispositivo era: os alunos deveriam assistir os dois filmes, apresentar uma breve síntese das obras e indicar uma possível bibliografia para um estudo mais aprofundado do tema. A bibliografia poderia ser do campo da Teoria e Filosofia da História, História da América, História do Brasil, História contemporânea... A bibliografia em que o aluno soubesse melhor caminhar em uma hipótese de aprofundamento de estudo.

Os alunos sentiram dificuldade para realizar a tarefa, uma vez que eles deveriam ser os protagonistas da sua própria pesquisa. Os trabalhos, em sua maioria, apresentaram a Operação Condor como eixo de uma possível pesquisa, a bibliografia foi de História Contemporânea. Somente um aluno apresentou a bibliografia de História da América. Nenhum aluno se propôs a caminhar por aspectos da Teoria e Filosofia da História.

A arte, e o cinema em particular, é uma possibilidade para pensar o mundo em transe, pois se trata da apresentação do embate entre a proposta do diretor e a disponibilidade e empatia do espectador. Por certo, esse movimento nos tira do lugar comum e alimenta a subjetividade e proporciona a opção de sermos mais sensíveis às vidas que não vivemos (aquelas realidades que não são nossas) e mais inclusivo em nosso repertório de escolhas políticas.

Já o resultado do trabalho com os alunos demonstra a importância de continuar essa

⁸SILVA, Lídia Loureiro - A internet - a geração de um novo espaço antropológico. Universidade de Aveiro. www.bocc.ubi.pt

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

atividade de Cine Clube vivenciada de forma mais ampliada e direcionada ao entendimento do filme enquanto documento, ou seja, enquanto provocação de assuntos. Os alunos tiveram dificuldade de se relacionar com o cinema do ponto de vista de fonte de pesquisa histórica. Aquela arte apresentada é uma representação de mundo de um certo diretor. Por isso, deve ser tratada de maneira problematizadora e/ou inspiradora de reflexão racional e acadêmica no campo da história assim como no campo do ensino de história.

O filme é sugestão de pauta para reflexão, porém muitas das vezes a sua compreensão é equivocada, pois tendemos a observar um filme como uma janela para a realidade do outro. Contudo, essa janela apresenta uma possibilidade sobre o outro e não a versão única sobre o outro. A alteridade proporcionada pela arte é um caminho a ser ensinado e pensado coletivamente. Por conta disso, o lugar de fala do Cine Clube: Passador é o de ensino de história.

A alteridade é um conceito trabalhado no sentido de poder propor uma pauta de estudo e discussão sobre um tema, provocar uma inspiração para uma intervenção na história alternativa àquela representada pelo diretor, oportunizar uma catarse, viabilizar uma produção coletiva de entendimento entre outros possíveis encaminhamentos quando se trata do uso do cinema como um dispositivo para o ensino da história.

Em nosso horizonte de intervenção pedagógica, a ideia de ilustração por meio do recurso audiovisual é combatida. A busca por arte de qualidade (pouca ou muita qualidade ou superior e inferior ou erudita e senso comum) é refutada. Acima de tudo, a ideia do Cine Clube: Travessia é engajar os alunos a promover sua travessia no seu processo de conhecer e de se expressar de forma autoral para além das atividades passivas, como a crítica às fontes históricas ou o levantamento de uma pauta para uma pesquisa pessoal. Propomos aos alunos uma produção coletiva no campo do audiovisual.

Procedendo dessa forma, assumimos parcialmente a "hipótese-cinema" de Alan Bergala. Bergala defende que o uso do cinema (fazer cinema) no ensino (nas escolas) potencializa a capacidade reveladora dessa arte, porque essa pedagogia está centrada em duas importantes características: uma é a criação e, portanto, nas emoções do criador e a outra seria a formação de gosto.

A compreensão do cinema enquanto linguagem e o tema escolhido como uma questão que afeta o cineasta é muito importante para pensar o cinema como arte e não como um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

instrumento, sobretudo quando transportamos parcialmente a "hipótese-cinema" para a proposta do uso do cinema como dispositivo no ensino de história. A produção discente de audiovisual é uma produção no campo da arte e não um instrumento de transposição didática. Apesar de percebermos no ato de criação artística o aprofundamento de questões históricas, políticas e de alteridade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Conclusão:

Buscamos em Pepe um sintoma para entender a América Latina enquanto sentimento - tateando a resposta à pergunta: Qual o recado passado por cada filme sobre o que seria um intelectual na América Latina? . Os sentimentos, por vezes, provocam um sentido de profundidade assim como uma raiz e outras vezes se demonstram difusos e nos remete ao labirinto.

Buscamos fazer ao longo do artigo a travessia entre arte e ciência, como um teste de método para o ensino da história.

Essa conclusão arrisca uma intervenção inspirada nas obras de Brechner e Kusturica e só faz sentido se, somente se, o leitor estiver ouvindo a música “The Sound of Silence” na versão de Silvia Pérez Cruz⁹, música fundamental para entender a virada psicológica do personagem de Mujica no filme “Uma noite de 12 anos”.

Mujica como sentimento

Um sonho de igualdade

Cuba, uma possibilidade histórica

Uruguai, uma guerrilha urbana com nome indígena

Prisão, tortura, choque ...

Privação de alimento e de relação com a natureza

Silêncio

A dor e o acalanto vem da raiz

A fala de uma mãe: Não deixem que eles te matem!

A virada poética de uma noite de doze anos

Leitura, agronomia, veterinária

A relação com o possível

Enfim... a liberdade

Meio ambiente, presidência, honestidade

O fazer político do sonho

⁹Clipe da música “The Sound of Silence” <https://www.youtube.com/watch?v=lr2ZT4HoXi0>

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Uma busca pelo caminho em um labirinto

Labirinto diurno

Latino Americano, a sabedoria de quem viveu uma vida suprema!

BIBLIOGRAFIA:

BAJO, Maria Dolores Fuentes e MURILLO, María Dolores Pérez - A memória Filmada a América Latina através de seu cinema. O cinema como fonte para história e recurso pedagógico para o ensino de história da América. Revista de História. João Pessoa, jul./ dez. 2008.

BERGALA, Alains - A hipótese-cinema: Pequeno Tratado de Transmissão do Cinema Dentro e Fora da Escola. Rio de Janeiro: booklink.CINEAED-LISE - UFRJ, 2008.

COUTINHO, Mario Alves - Escrever com a câmera: cinema e literatura na obra de Jean-Luc Godard. Tese apresentada ao curso de Doutorado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito à obtenção do título de Doutor em Letras, 2007.

CARNES, Mark C. - Passado Imperfeito: A história do Cinema, Rio de Janeiro e São Paulo> Editora Record, 1997.

DANZA, Andrés e TULBOVITZ, Ernesto - Uma ovelha negra no poder: Confissões e Intimidades de Pepe Mujica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

DELEUZE, Gilles - Cinema a imagem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

FRESQUET, Adriana - Cinema e Educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NICHOLS, Bill - Introdução ao documentário. Campinas, SP: Papyrus 2005.

RIQUELME, Diego Ivan Caroca - O cinema documentário na integralização da América Latina: O ABC do Início. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Mídias do Instituto de Artes da Unicamp para obtenção do título de Doutor em Mídias, 2011.

SILVA, Lúcia Loureiro - A internet - a geração de um novo espaço antropológico. Universidade de Aveiro. www.bocc.ubi.pt

RUFFINELLI, Jorge - América Latina em 130 documentários. São Paulo: É realizações, 2017.

PRADO, Maria Ligia e PELLEGRINO, Gabriela - História da América Latina, São Paulo: Editora Contexto, 2020.

Filmografia:

Dictaduras Latinoamericanas: Uruguay - Canal Encuentro , acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=KFU7iGppBqc>, 20 de março de 2021, às 17h.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

<https://www.youtube.com/watch?v=WqMyHv0UZIQ>, 21 de maio de 2021.